

Povos Indígenas no Brasil

Fonte

Journal de Brasília

Class.:

07

Data

18 de novembro de 1981

Pg.:

190 A Câmera vai ao Paraíso

Xingu Terra, Balzaquianas e Aqueles Que, no fundo produtos diferentes de uma mesma realidade social e cinematográfica. A mulher, o índio e o lado da vida dos que não constam dos guias turísticos

Manel Henriques

Em determinado ponto de Xingu Terra, o narrador nos lembra que o índio não se extasia com a Natureza porque se sente perfeitamente integrado nela, porque é parte dela. Essa preocupação ecológica, cultivada com grande zelo e sabedoria pelos índios, deveria ocupar nossas cabeças de homens brancos, é o recado que Maureen Basilliat parece querer passar para o espectador. Uma intenção bastante diferente, portanto, da que levou Zelito Viana a fazer Terra dos Índios — uma análise da questão indígena — sob o ponto de vista do oprimido — ou Raoni, de Jean Pierre e Luiz Carlos Saldanha, interessado em "sensibilizar a opinião pública para o problema de nossos últimos índios".

Terra dos Índios foi visto como um filme corajoso e essencial. "Procurei ao máximo dar a palavra aos índios e fugir da retórica cinematográfica, não usar de nenhum rebuscamento da linguagem", declarava o cineasta em entrevista. Um filme muito corajoso, sim, já que o tema nunca foi particularmente caro ao autoritarismo de governantes e liberadores de verbas que naqueles tempos era evidente, e o cineasta fez uma exposição de maneira crua e incisiva. A política da FUNAI, por exemplo, seu objetivo de se tornar auto-suficiente do ponto de vista econômico — plantando enormes projetos agropecuários nas terras indígenas — é claramente exposta em uma das partes do filme, intitulado O Índio Como Negócio.

Xingu Terra está mais para Raoni do que para Terra dos Índios. Louvável em seu objetivo de mostrar uma lição de relacionamento de um povo com o ambiente, acaba deslizando muitas vezes para um pedagogismo catequético ilustrado por belas imagens, como cortes misonáveis feitos para os olhos das crianças. Se o índio não se extasia com a

natureza, a câmera de Maureen Basilliat, ao contrário, faz questão de realçar seu embevecimento diante do que registra.

Em meio a informações neutras — onde aprendemos, por exemplo, hábitos alimentares indígenas, que "difícilmente come carne, servindo-se normalmente de cerca de 500 gramas diárias de mandioca" — surgem cenas, de inegável beleza plástica, onde os fios de uma palmeira são desfiadas e trançadas pelas mãos de uma índia. O efeito conseguido é muito bonito, é certo, mas o espectador é levado à incômoda posição de fugir ao que aquele belo quadro deixa expor no primeiro olhar, e procurar por detrás daqueles finíssimos fios verdes balançando com o vento onde está a preocupação de entender como, de que forma aquele povo chegou à sua visão de mundo.

Maureen Basilliat explica no final do filme que a complexidade da cultura indígena exige que exista um convívio sem pressa entre ela e o branco, para que aos poucos sejam capazes de captar suas diferentes nuances. Uma proposta sensata, que a realizadora parece ter esquecido ao realizar esse apressadamente ecológico Xingu Terra.

Um outro detalhe que não ajuda muito é o estilo da narração. A pessoa escolhida para narrar o filme tem uma voz insegura, morosa, que choca com a exuberância da fotografia. As entrevistas, bem escolhidas — a noção de líder como elemento equilibrador, que dá conselhos, nunca ordens, ou o índio que fala sobre o papel central desempenhado pelos pajés — transformam-se em apêndices puros das imagens.

Assim, estamos no reino do lúdico, da fantasia, do paraíso ao alcance da câmera. A Lagoa Azul mudou de endereço, escolheu o Parque do Xingu para erguer seu Xangrila.